

Imaginários Algorítmicos da Amazônia: uma análise semiótica de representações geradas por Inteligência Artificial¹

Kleyse Costa Vaz Santana Prado²
Luiz Cezar Silva dos Santos³
Universidade Federal do Pará – UFPA

RESUMO

O artigo explora o conceito de imaginário proposto por Maffesoli e da Semiótica na análise de imagens geradas por Inteligência Artificial sobre a Amazônia. Realizamos um experimento que compara imagens criadas pelo *DALL-E*, *Midjourney* e *Leonardo AI*. Utilizamos conceitualmente, também, Jean-Jacques Wunenburger; Lúcia Santaella e Peirce; Amaral Filho e Paes Loureiro para compreender melhor as características das imagens pensadas e geradas sobre a Amazônia. Com este estudo pudemos verificar as limitações da Inteligência Artificial Generativa de Imagens (IAGI) no que tange às escolhas simbólicas para a criação das representações amazônicas, reforçando estereótipos e preconceitos sobre a região amazônica.

PALAVRAS-CHAVE

Imaginário; Semiótica, Inteligência Artificial Generativa, Amazônia.

CORPO DO TEXTO

Pela semelhança entre as palavras, o termo “imaginário” pode ser facilmente associado a imagens ou à imaginação, sendo frequentemente relacionado apenas ao místico e ao fantasioso. Conforme Maffesoli (2001), ele é imagético, mas não são as imagens que constroem o imaginário; ao contrário, é a presença do imaginário que define a construção das imagens e sustenta sua contínua produção. No entanto, apesar do seu conceito amplo, imaginário vai além das produções imagéticas, se referindo, também, às suas propriedades e aos seus efeitos (WUNENBURGER, 2007). Maffesoli (2001) afirma que o imaginário apresenta parâmetros oníricos, lúdicos, a fantasia, o imaginativo, o afetivo, o não-racional, os sonhos e outras construções mentais, sociais e culturais. Para além disso, ainda conforme o autor, o imaginário é um campo onde signos e

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Visualidades Amazônicas: Imagem e Corpo na Amazônia, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia PPGCOM-UFPA e membro do Grupo de Pesquisa em Propaganda e Publicidade – Grupp., email: kleyse.prado@gmail.com

³ Professor Doutor do curso de Comunicação – Publicidade e Propaganda – Facom/UFPA e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia - PPGCOM/UFPA. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Propaganda e Publicidade – Grupp. E-mail: lzcezar@ufpa.br

representações simbólicas se entrelaçam, moldam o ser humano tanto como indivíduo quanto em sociedade. Ele é aquilo que sustenta as imagens, as crenças e conceitos compartilhados por uma cultura, uma sociedade. É um espaço simbólico onde desejos e tensões culturais, políticas e sociais se projetam.

Assim, o imaginário atua como mediador entre o que vemos e o que sentimos, entre o eu e o mundo, o eu e o outro. Ele nos oferece uma espécie de mapa de signos, um repertório de imagens, crenças, narrativas que nos permite interpretar a vida, atribuir sentido ao mundo. Nesse contexto, estereótipos e preconceitos também são produtos do imaginário, refletindo valores e perspectivas coletivas.

No caso da Amazônia, o imaginário é uma construção simbólica marcada por representações complexas e contraditórias que envolve desde visões idealizadas da floresta como um paraíso intocado e fonte de vida, até uma imagem de selvageria e mistério, frequentemente associada à ideia de um território a ser "dominado" ou explorado. A Amazônia, assim, não é apenas um território geográfico, mas um conjunto de símbolos que estão em constante movimento e que são moldados pelas diferentes narrativas que a sociedade constrói a seu respeito.

Neste cenário, a semiótica, enquanto disciplina que estuda os signos e a produção de sentidos, proporciona a compreensão sobre como esses significados são formados e ressignificados ao longo do tempo. Ela permite que compreendamos a Amazônia não apenas como uma realidade concreta, mas como um campo simbólico onde se encontram diferentes representações, lendas, mitos e narrativas que interagem e se transformam conforme os contextos sociais, políticos e históricos. Nesse sentido, a semiótica não apenas estuda os signos que compõem o imaginário da Amazônia, mas também os processos por meio dos quais esses signos geram significados, refletem valores e influenciam as práticas culturais e políticas.

Este artigo propõe explorar a aplicação do conceito de imaginário e da teoria semiótica à Inteligência Artificial Generativa de Imagens (IAGI). Ao criar imagens, a IAGI organiza e reorganiza símbolos e narrativas, projetando signos que vão desde arquétipos históricos até representações contemporâneas. No entanto, como réplica padrões simbólicos e culturais já existentes, caso a sua utilização não seja bem direcionada, a ferramenta tende a reforçar estereótipos e oferecer representações limitadas.

Dessa forma, a IAGI não pode ser considerada uma ferramenta neutra uma vez que seu processo de criação de imagens envolve escolhas semióticas que podem replicar o imaginário coletivo mais predominante que encontrar em sua base de dados, os quais foram usados para seu treinamento. Nesse contexto, a semiótica oferece uma lente teórica útil para analisar como as informações são representadas, percebidas e entendidas pela IAG.

A semiótica é a teoria de todos os tipos de signos, códigos, sinais e linguagens. Portanto, ela nos permite compreender palavras, imagens, sons em todas as suas dimensões e tipos de manifestações. As linguagens estão fundamentadas em esquemas perceptivos. Assim sendo, os processos perceptivos também fazem parte dos estudos semióticos. Além disso, a semiótica estuda os processos de comunicação, pois não há mensagem sem signos e não há comunicação sem mensagem. É por isso que a semiótica nos habilita a compreender o potencial comunicativo de todos os tipos de mensagens, nos variados efeitos que estão aptas a produzir no receptor (SANTAELLA, 2017, p. 59).

A Inteligência Artificial, ao operar sobre vastos bancos de dados que representam basicamente todo o conhecimento acumulado pela humanidade em séculos, reproduz e, em alguns casos, adapta imaginários já presentes na cultura. O imaginário, sendo um campo dinâmico de criação simbólica, pode ser explorado pelas lentes da semiótica a fim proporcionar melhor compreensão dessa criação, seus códigos e suas interpretações.

A interação entre imaginário, semiótica e Inteligência Artificial Generativa de Imagens nos permite, então, uma nova perspectiva para analisar como construímos, mediamos e renovamos as representações visuais do mundo que nos cerca. Propomos, então, um experimento utilizando um modelo de IAGI para criar imagens que representam a Amazônia a fim de verificar quais as escolhas semióticas da ferramenta e como ela as interpreta.

Para este artigo, propomos um experimento que compara imagens criadas a partir de uma descrição textual (*prompt*), por três modelos de Inteligência Artificial diferentes: o Dall-E, desenvolvido pela OpenAI; o Midjourney; e o Leonardo AI. Nosso objetivo é investigar não apenas as capacidades técnicas da IAG, mas também as implicações semióticas nos resultados obtidos, questionando como os significados são construídos e interpretados pela ferramenta baseada em seu treinamento, e como essas interpretações podem refletir ou distorcer a realidade. Para comparar as imagens, realizamos a análise semiótica e aplicamos a metáfora da árvore de Wunenburger (2024), que organiza as

imagens em três níveis (copa, tronco e raízes) a fim de explorar suas complexidades e simbolismos.

O experimento realizado mostrou que, com *prompts* simples em solicitações abrangentes para criação de imagens, a inteligência artificial, ao recorrer ao seu banco de dados de treinamento, tende a fazer escolhas de símbolos que revelam o imaginário coletivo universal a respeito da Amazônia que a ferramenta julgou como mais comum e difundida. Apesar de algumas diferenças entre as imagens criadas por cada modelo de IA, a representação desse imaginário revela a perpetuação de estereótipos, mitos e preconceitos a respeito da Amazônia. A análise semiótica da imagem também corroborou essas limitações da máquina ao representar a região. Essa limitação reforça a importância de se pensar criticamente sobre as tecnologias de IA e a maneira como elas são treinadas e utilizadas para gerar imagens, pois podem contribuir para reforçar uma compreensão superficial e até distorcida, das realidades da Amazônia como no caso desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

AMARAL FILHO, Otacílio. **Marca Amazônia**: o marketing da floresta. Curitiba: Editora CRV, 2016.

BHABHA, Homi K. A outra questão: o estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo. In: BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. p. 105-128.

DA SILVA, Juremir Machado. Entrevista O imaginário é uma realidade. Revista FAMECOS, n. 15, 20 mar. 2001. Disponível em <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/3123/2395>> Acesso em 15 mar. 2025.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica**: Uma poética do imaginário. 5. ed. Manaus: Editora Valer, 2015.

MAFFESOLI, Michel. No Fundo das Aparências, 4ª Edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PINTO, Renan Freitas. A viagem das ideias. **Dossiê Amazônia Brasileira I**. Estudos Avançados. 2005, p. 97-114. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ea/a/93ScQvKBxmQZsLj7dhprYXJ/?lang=pt>> Acesso em 07 nov. 2024.

PRADO, Kleyse C. V. S.; SANTOS, Luiz Cezar Silva dos. **A publicidade identitária nas representações da Amazônia paraense nas propagandas dos governos do Estado do Pará em 2017, 2020 e 2021**. 2022. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-

Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia, Universidade Federal do Pará, Pará, 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3QIpimp>. Acesso em: 25 abr. 2022.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica aplicada**. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2002.

SANTAELLA, Lúcia. A onipresença invisível da inteligência artificial. In: SANTAELLA, Lúcia (org.). **Inteligência artificial & redes sociais**. São Paulo: EDUC, 2019.

SANTAELLA, Lúcia. A IA e a quarta ferida da humanidade. **SBC Horizontes**, 20 abr. 2023. Disponível em: <https://bit.ly/3QE8VHu>. Acesso em: 09 set. 2023.

SANTAELLA, Lúcia. **A inteligência artificial é inteligente?** São Paulo: Almedina Brasil, 2023.

SANTAELLA, Lúcia. **Aula Magna**. Especialização em Jornalismo de Dados, Inteligência Artificial e Pesquisa Netnográfica (DadosJOR). Belém: UFPA, 2024. Disponível em: <https://bit.ly/3JYqPRH> Acesso em: 20 jan. 2024.

WUNENBURGER, Jean Jacques. A árvore de imagens. In: DE CARLI, Anelise Angeli, BARROS, Ana Taís Martins Portanova (Org). **Comunicação e imaginário no Brasil: contribuições do grupo Imaginalis (2008-2019)**. Porto Alegre: Imaginalis, 2019, pág 7 a 25.

WUNENBURGER, Jean Jacques. **O imaginário**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.